

interessado. “Tivemos um desenvolvimento científico-tecnológico extraordinário na agricultura e podemos desenvolver trabalhos na área de biotecnologia, usando plantas nacionais, descobrindo a cura para doenças, ou investindo em setores que não exigem grandes investimentos.”

Efetivamente, a parte mais significativa da reestruturação proposta pelo ministro é quanto à mudança do papel da Finep, um dos pontos mais criticados pela comunidade científica. Bresser Pereira afirma que a instituição poderá continuar a fazer atividades de fomento para as empresas, “mas em nome da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico e de Informática”, recebendo, inclusive, uma comissão por esses serviços. As ações de financiamento para pequenas e médias empresas que têm alvo tecnológico serão estimuladas e poderão ter um grau de inadimplência maior, “porém não muito maior do que a taxa dos bancos”.

Absolutamente determinado a separar o que é operação de financiamento da Finep do que é fundo perdido, Bresser Pereira afirma que a melhor forma de acabar com o órgão, “como estavam tentando”, é permitir que seus relatórios financeiros mostrem lucro e ao mesmo tempo aportes significativos do Tesouro, sem qualquer transparência. Torná-la uma agência altamente qualificada, requalificar pessoal e prestar serviços com competência – essas são as metas que o ministro propõe para a Finep.

Os dez institutos ligados ao CNPq já estão sendo transferidos para o MCT e serão administrados por uma unidade da Secretaria de Planejamento e Avaliação. A razão para que os institutos saiam do CNPq e sejam transferidos para o MCT “é óbvia”, na opinião do ministro, pois, “é o CNPq que financia instituições de pesquisa. Quando ele tem dentro dele próprio instituições de pesquisa, é como colocar a raposa dentro do galinheiro. Isso não estava acontecendo na prática — afiança —, mas constitui uma distorção”. Bresser Pereira garante que deseja ver os institutos “cada vez mais autônomos. Desejo transformá-los em organizações sociais, o que lhes permitirá mais autonomia e mais responsabilidade para realizar um trabalho que é muito importante”, conclui.



BIOTA-FAPESP

Programa vai mapear a biodiversidade paulista

Foi dada a partida ao mais ambicioso programa sobre biodiversidade já desenvolvido no Brasil. Trata-se do *Biota-FAPESP, o Instituto Virtual da Biodiversidade*, programa multidisciplinar que vai mapear e analisar os inúmeros aspectos da biodiversidade do Estado de São Paulo, formando um amplo banco de dados que será disponibilizado na rede Internet. O Biota-FAPESP — biota compreende toda a flora e fauna de uma região — ainda tem como meta sistematizar informações que permitam a criação de políticas públicas de conservação e uso sustentável da biodiversidade de São Paulo. O programa foi aprovado pela FAPESP no começo de fevereiro. O seu lançamento oficial será no próximo dia 25 de março, às 10h, no auditório da Fundação, em São Paulo.

“Essa é uma iniciativa única. Sua

abrangência não tem igual na América Latina ou mesmo no mundo”, afirma o biólogo Carlos Alfredo Joly, coordenador do Biota-Fapesp. O programa abrange todo o território do estado de São Paulo, quase 250 mil km² (sendo 622 km de costa), ou seja, uma área pouco maior do que a Grã-Bretanha. O universo de pesquisa do Biota-FAPESP é vasto. Ele envolve desde os microorganismos até os seres mais evoluídos, compreendendo tanto o ambiente terrestre quanto o aquático. “São Paulo apresenta uma enorme diversidade de ecossistemas, pois estamos numa zona de transição entre a região tropical e a subtropical”, diz Joly.

A biodiversidade designa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens e os complexos ecológicos dos quais fazem parte. Ela compreende a diversidade de genes dentro

de uma espécie, a diversidade de espécies e a diversidade de ecossistemas. O seu estudo é considerado estratégico, procurando conciliar a preservação do meio ambiente com a exploração equilibrada dos recursos naturais e o desenvolvimento econômico.

Compromissos

O lançamento do Biota-FAPESP vem ao encontro de uma série de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil após a realização da ECO 92 (em especial a Convenção sobre a Diversidade Biológica e a Agenda 21), que preconizam o uso sustentável dos recursos naturais e um novo modelo de desenvolvimento. Uma tarefa nada modesta. “O Brasil é, reconhecidamente, o país com a maior diversidade biológica, abrigando entre 15% e 20% do número total de espécies do planeta”, diz Carlos Alfredo Joly. Os desafios da empreitada, no entanto, são maiores. “Faltam informações sobre as questões mais básicas”, afirma o biólogo Naércio Menezes, membro da coordenação do Biota-Fapesp. Especialista no estudo de peixes, Menezes dá um exemplo taxativo: “Não temos dados que indiquem quantas espécies de peixes de água doce existem em São Paulo”.

A crescente destruição de ecossistemas no Brasil, por outro lado, torna o Biota-FAPESP ainda mais urgente. “Existem organismos destruídos antes mesmo de ser conhecidos”, aponta Menezes. Entre os pontos críticos que serão investigados pelo programa estão a Mata Atlântica e o Alto Rio Paraná. “Pretendemos levantar dados que sensibilizem as autoridades para a instalação de políticas públicas visando o desenvolvimento sustentável”, diz Menezes.

Dessa maneira, o Biota-FAPESP vai atacar em duas frentes simultâneas. Ao mesmo tempo em que pesquisadores estarão investigando aspectos desconhecidos da biodiversidade paulista, também será levantada e organizada toda a informação disponível sobre o assunto. “Existe um grande volume de conhecimento que está disperso pelas instituições e pelos museus de São Paulo”, afirma Joly. A base para esse trabalho já está pronta. Trata-se da coleção de sete livros intitulada *Biodiversidade do Estado de São Paulo: Síntese do Conhecimento ao Final do Século XX*, cuja edição conta com o apoio da FAPESP. Dois volumes da coleção serão lançados no dia do lançamento oficial do Programa.

Instituto virtual

O conceito que está por traz do

Biota-FAPESP é a criação de um instituto virtual da biodiversidade. “O programa não tem uma sede fixa, mas dispõe de toda a infra-estrutura física e humana das instituições de pesquisa e das universidades de São Paulo”, assinala José Fernando Perez, diretor científico da FAPESP. “Nesse sentido, ele reproduz a arquitetura do Projeto Genoma, que reúne mais de 30 laboratórios por meio da Rede Onsa”, acrescenta Perez. Ele prevê que os dois programas — o Genoma e o Biota — vão se articular e dialogar no futuro próximo, pois a biodiversidade cada vez mais será analisada do ponto de vista genético. Outra iniciativa anterior da FAPESP que colaborou para o desenho final do Biota foi o Projeto Temático *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*, que teve a coordenação do professor Hermógenes de Freitas Leitão Filho. Desenvolvido com o objetivo de levantar toda a flora com flores do estado de São Paulo, ele já se encontra na fase de sistematização dos dados.

“O Biota nasceu de uma demanda espontânea da comunidade científica, que consultou a FAPESP sobre a possibilidade de elaborar um programa que cobrisse toda a biodiversidade de São Paulo”, conta Perez. A idéia inicial foi plantada em meados de 1996. No ano seguinte, o programa ganhou os seus contornos básicos, durante um seminário realizado em Serra Negra, no interior paulista, com a presença de dezenas de especialistas. “Nessa reunião, constatamos que seria impossível elaborar um único grande projeto sobre um tema tão abrangente”, diz Carlos Alfredo Joly. A solução encontrada foi o desenvolvi-

mento de uma série de projetos temáticos, todos articulados entre si.

Na metade de 1998, a FAPESP recebeu o primeiro conjunto de pré-projetos temáticos, que foi enviado para a análise de uma assessoria internacional. Dezoito propostas, avaliadas tanto no seu mérito individual quanto na sua articulação com o programa, receberam um parecer favorável, além de críticas e sugestões. Nos meses seguintes, mais seis pré-projetos foram incorporados ao Biota-FAPESP, totalizando, assim, 24 propostas de projetos temáticos. Até o momento, cinco projetos já estão formalmente aprovados (leia a relação na matéria abaixo) e outros 13 projetos estão em fase final de julgamento. Mais de 200 cientistas e pesquisadores estão envolvidos com o Programa. Eles são ligados a todas as universidades públicas paulistas, institutos de pesquisa do estado e organizações não governamentais, sem falar nos técnicos das Secretarias do Meio Ambiente e da Agricultura.

O orçamento inicial previsto para o programa é de R\$ 10 milhões e o prazo inicial para a conclusão dos projetos é de quatro anos. Dadas as suas dimensões, é possível que o programa seja ampliado com a inclusão de novos projetos, além do desdobramento daqueles que já estão em curso. Os pesquisadores de São Paulo ainda apostam na possibilidade de o Biota se tornar um modelo para novas iniciativas na área. “A semente está lançada”, diz Naércio Menezes. “Esperamos que o pioneirismo dessa proposta seja seguido por outros estados, pois essa é uma iniciativa fundamental para todo o País”, afirma o biólogo.

Os projetos aprovados

A FAPESP já aprovou formalmente cinco projetos que integram o Biota-FAPESP (Programa de Pesquisas em Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade do Estado de São Paulo). O primeiro, *Diversidade de Peixes de Riachos e Cabeceiras da Bacia do Alto Rio Paraná no Estado de São Paulo*, é coordenado por Ricardo Macedo Corrêa e Castro, da USP de Ribeirão Preto, e Naércio Menezes, do Museu de Zoologia da USP. Já o segundo projeto tem como tema a *Conservação e Uso Sustentável da Diversidade Vegetal do Cerrado e da Mata Atlântica: Diversidade Química e Prospecção de Novas Drogas*. A coordenação é de Vanderlan da S. Bolzani, da Unesp de Araraquara, e Maria Cláudia Marx Young, do Instituto de Botânica. Outro projeto focaliza a *Diversidade das Interações entre Vertebrados Frugívoros e Plantas da Mata Atlântica*. A coordenação é de Wesley R.

Silva, da Unicamp. O quarto projeto, *Consolidação do Sistema de Informação do Programa Biota-FAPESP e o Estudo da Viabilidade do Desenvolvimento de um Sistema Geográfico de Informações para o Programa*, tem a coordenação de Carlos Alfredo Joly (Unicamp). O quinto projeto até agora aprovado, *Diversidade de Zooplâncton em Relação à Conservação e Degradação dos Ecossistemas Aquáticos do Estado de São Paulo*, é coordenado por Tocay a Watsumura Tundisi, do Instituto Internacional de Ecologia, de São Carlos. Os outros projetos que estão sendo analisados pela FAPESP versam sobre assuntos como ecologia molecular, biodiversidade marinha, insetos, répteis e mamíferos. Resumos das propostas, assim como todas as informações relativas ao Biota-FAPESP estão disponíveis no site do programa (www.bdt.org.br/bdt/biotasp/).